

- **China torna-se exportador líquido de veículos e redefine estratégias para o mercado externo**
- **CNOOC adquire campo de petróleo na Nigéria e governo chinês estabelece aliança para futuras aquisições em parceria com a Índia**
- **Líderes evitam discutir questões substantivas na primeira cúpula asiática**

### *Curtas*

- Gerdau busca aquisição na China
- Reservas cambiais chegam a US\$ 819 bilhões
- Importação chinesa de soja deve recuar 3%
- Ferrero Rocher e Starbucks vencem batalhas judiciais

### Macroeconomia

#### **Revisão do PIB chinês aponta para perfil econômico mais saudável**

O mais amplo censo econômico já realizado pela China revelou que, por mais de uma década, o país subestimou o tamanho de seu setor de serviços e media de maneira pouco eficiente a receita de pequenos e médios empreendimentos privados. O resultado levou à maior revisão estatística da história e ao anúncio de que a economia chinesa é US\$ 278 bilhões maior do que havia sido anunciado.

Em 20 de dezembro, o Escritório Nacional de Estatísticas (NBS, na sigla em inglês) divulgou que o Produto Interno Bruto (PIB) de 2004 não somara US\$ 1,65 trilhão, conforme anunciado no início de 2005, mas US\$ 1,93 trilhão, acréscimo de 16,8% e equivalente ao tamanho da economia da Indonésia ou da Turquia. Com a revisão, a China tornou-se a 6ª maior economia do mundo em 2004, e a expectativa é de que, com a divulgação dos números de 2005 já com base nos novos métodos estatísticos, o país ultrapasse França e Reino Unido (ou chegue muito próximo) e se aproxime do 4º lugar, atrás de Estados Unidos, Japão e Alemanha.

Os ajustes estatísticos provocaram também a revisão das taxas de crescimento do PIB em quase todos os anos a partir de 1993. Na média, as taxas oficiais ficaram 0,5 ponto percentual acima do divulgado anteriormente (veja tabela 3 com os novos índices de crescimento). A exceção foi o dado de 1998, ano da crise asiática, que permaneceu inalterado em 7,8%.

**Não só maior, mas também mais saudável** – Tão relevante quanto a revisão do tamanho da economia chinesa foi o anúncio de que o perfil macroeconômico do país parece ser mais saudável do que analisado anteriormente. Por conta da precária rede de coleta de informações tributárias e da dificuldade no levantamento de dados nas regiões interioranas, o setor terciário, em especial os pequenos e médios empreendimentos privados, como restaurantes, bares, lojas e prestadores de serviços em geral, vinha sendo subestimado na formação do PIB. Com a revisão estatística, dos US\$ 278 bilhões acrescentados à economia chinesa, 93% foram graças à incorporação de estatísticas do setor terciário.

De acordo com o NBS, entre 1993 e 2004 a fatia do setor de serviços no PIB passou de 33,9% para 40,7%. Os novos números oferecem um contraste expressivo em relação aos dados antigos, que apontavam para um pequeno encolhimento do setor no mesmo período, de 32,7% para 31,9%. Já o setor secundário, que inclui a indústria e a construção civil, segmentos considerados superaquecidos, teve sua participação no PIB revista de 52,9% para 46,2% em 2004. Entre 1993 e 2004, segundo os números do censo, o setor teve participação praticamente estável na composição da economia, passando de 46,6% para 46,2% do PIB (veja tabela 2).

O aumento do setor de serviços na composição da economia sugere que o perfil macroeconômico do país está se tornando mais maduro. Países desenvolvidos têm, tradicionalmente, um setor de serviços maior do que o manufatureiro. Por outro lado, o menor peso relativo da indústria na composição do PIB tranqüiliza economistas porque sugere que o país pode ter condições estruturais melhores para suportar os processos de ajuste das indústrias consideradas superaquecidas, como a siderurgia e o setor automotivo.

Não obstante persistirem os problemas do setor bancário, um efeito adicional do censo será a elevação do perfil dos bancos estatais por meio da redução dos índices de endividamento público e de créditos irrecuperáveis (NPLs – *non-performing loans*) em relação ao PIB. Com a expansão do produto nacional, as dívidas e os NPLs ficam, proporcionalmente, menores. De acordo com estimativas

**Tabela 1 – Composição do PIB chinês (1993 a 2004)**

Ano	Dados revisados					Dados originais				
	Setor primário	Setor secundário		Setor terciário	Setor primário	Setor secundário		Setor terciário		
		Indústria	Construção			Indústria	Construção			
1993	19,5	46,6	40,2	6,4	33,9	19,9	47,4	40,8	6,6	32,7
1994	19,7	46,6	40,4	6,2	33,7	20,3	47,8	41,4	6,4	31,9
1995	19,8	47,2	41,1	6,1	33,0	20,5	48,8	42,3	6,5	30,7
1996	19,5	47,5	41,3	6,2	33,0	20,4	49,5	42,8	6,7	30,1
1997	18,1	47,5	41,7	5,8	34,4	19,1	50,0	43,5	6,5	30,9
1998	17,3	46,2	40,3	5,9	36,5	18,6	49,3	42,6	6,7	32,1
1999	16,2	45,8	40,0	5,8	38,0	17,6	49,5	42,8	6,7	32,9
2000	14,8	45,9	40,3	5,6	39,3	16,4	50,2	43,6	6,6	33,4
2001	14,1	45,2	39,8	5,4	40,7	15,8	50,1	43,5	6,6	34,1
2002	13,5	44,8	39,4	5,4	41,7	15,3	50,4	43,7	6,7	34,3
2003	12,5	46,0	40,5	5,5	41,5	14,4	52,2	45,2	7,0	33,4
2004	13,1	46,2	40,8	5,4	40,7	15,2	52,9	45,9	7,0	31,9

Fonte: Escritório Nacional de Estatísticas

**Tabela 2 – Comparação entre dados originais e revistos (2004)**

Em bilhões de yuan, exceto quando indicado

PIB	Dado original	Dado revisto pelo censo	Diferença em valor	Diferença %	% do PIB por setor (original)	% do PIB por setor (revisto pelo censo)
PIB	13.688	15.988	2.300	16,8	100	100
PIB (em bilhões de dólares)*	1.653	1.931	278	16,8	100	100
Indústria primária **	2.096	2.096	0	0	15,2	13,1
Indústria secundária	7.239	7.390	151	2,1	52,9	46,2
Indústria terciária	4.372	6.502	2.130	48,7	31,9	40,7

\*Taxa de câmbio de 8,28 yuan por dólar.

\*\* O censo não incluiu o setor agrícola. Logo, a estimativa para o setor na tabela acima foi mantida inalterada em relação ao dado do Anuário Estatístico de 2004. Isso explica por que a soma das indústrias secundária e terciária não equivale ao volume total do PIB demonstrado na segunda linha.

Fonte: Escritório Nacional de Estatísticas

**Tabela 3 – Novas taxas de crescimento (1993 a 2004)**

Ano	Revisado (%)	Original (%)
1993	14,0	13,5
1994	13,1	12,6
1995	10,9	10,5
1996	10,0	9,6
1997	9,3	8,8
1998	7,8	7,8
1999	7,6	7,1
2000	8,4	8,0
2001	8,3	7,5
2002	9,1	8,3
2003	10,0	9,5
2004	10,1	9,5

Fonte: Escritório Nacional de Estatísticas

preliminares, a relação NPL/PIB oficial deve ter recuado de 8,25% para 7,0%, ao passo que a dívida pública deve ter passado de 20% para 16% do PIB.

#### Indústria automotiva

### **China torna-se exportador líquido de veículos e redefine estratégias para o mercado externo**

Outubro de 2005 foi um marco na consolidação da China como um ator de peso na indústria automotiva global. Nos primeiros dez meses do ano, o país tornou-se um exportador líquido de veículos, com vendas ao mercado externo de 135 mil unidades, alta de 134% em relação ao mesmo período do ano anterior; as importações registraram queda de 12% para um total de 128 mil unidades. Os números corroboram tendências apontadas por especialistas do setor: a demanda externa por veículos chineses de baixo custo cresce em ritmo muito intenso, ao passo que a produção doméstica de modelos mais sofisticados está rapidamente substituindo as importações.

As exportações chinesas, por enquanto, ainda guardam características muito específicas quando comparadas às plataformas exportadoras do Brasil ou México. Os veículos de passageiros responderam por 16% das exportações até outubro, contra 59% de caminhonetes e caminhões leves. Já os principais mercados de consumo de veículos chineses são países subdesenvolvidos, em especial Síria, Vietnã e Argélia. E as exportações ainda representam uma fatia pequena do mercado. A produção interna chinesa em 2005 ficou próxima a 6 milhões de unidades, 150% a mais do que a indústria brasileira. Mas as exportações não ultrapassaram 200 mil unidades, contra 750 mil do Brasil.

O perfil exportador chinês deve começar a alterar-se em 2007, quando a Chery Automobile, 7ª montadora do país em termos de fatia de mercado doméstico e a maior montadora de capital nacional, iniciar as vendas de cinco modelos nos Estados Unidos, com promessa de preços 30% inferiores aos da concorrência. Segundo matéria publicada pela *Folha de S.Paulo* em 27 de dezembro, a Chery pretende vender 250 mil veículos ao mercado norte-americano no primeiro ano de operação, e sua meta é chegar a 1 milhão de unidades até 2012. Também de acordo com a matéria, a partir de 2008 outra montadora chinesa, a Geely, oferecerá ao mercado norte-americano um sedã semelhante ao Honda Civic por US\$ 10 mil. A empresa anunciou que, até 2015, pretende aumentar sua produção em 20 vezes – 2 milhões de veículos –, sendo que dois terços deverão ser vendidos fora da China.

Chery e Geely são as duas principais indústrias automobilísticas privadas e de capital chinês. Criadas no final da década de 90, as empresas apontam para um novo modelo de desenvolvimento da indústria automotiva chinesa. Até 2000, mais de 80% da produção de automóveis na China estava concentrada em *joint-ventures*

entre estatais chinesas e grandes investidores estrangeiros. A primeira parceria desse tipo, criada em 1985, foi entre a Volkswagen e a Shanghai Automotive. Atualmente, quase todos os grandes atores da indústria automotiva mundial (GM, Ford, BMW, Fiat, Toyota, Suzuki, Hyundai e Honda) possuem parcerias com estatais chinesas (veja lista das principais JVs na tabela 1).

**Propriedade intelectual e cópias** – Chery e Geely, ao contrário, nunca estabeleceram parcerias com multinacionais, mas são freqüentemente acusadas de copiar componentes e design de marcas estabelecidas. Uma das principais disputas envolveu a Toyota que, segundo a fabricante japonesa, teve seu logotipo copiado pela Geely. Já a General Motors alega que o modelo QQ da Chery é uma cópia do seu Spark, e que o nome da montadora chinesa é muito similar à marca Chevy, apelido dado nos Estados Unidos aos carros da linha Chevrolet.

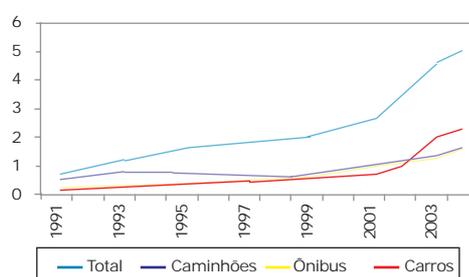
Artigo da *China Economic Quarterly* de dezembro de 2005 destaca que o sucesso das fabricantes chinesas não se deve às cópias, mas ao fato de terem percebido que os consumidores chineses se preocupam mais com preço e aparência do que com qualidade. Além disso, as montadoras nacionais respondem mais agilmente às mudanças no comportamento do mercado do que as JVs. E estão atraindo um número expressivo de engenheiros e outros profissionais chineses que trabalhavam para multinacionais em função da promessa de cargos mais altos e da possibilidade de trabalharem para uma empresa “genuinamente nacional”.

**Excesso de capacidade** – Ao contrário do Japão e da Coréia do Sul, onde o governo central abertamente limitava a competição e empregou diversos mecanismos de estímulo à indústria automotiva, a China não desenvolveu uma política coordenada para o crescimento do setor. Até outubro de 2005, apesar da alta de 18% nas vendas, os lucros da indústria recuaram 51%. O resultado financeiro é um sintoma, em grande parte, de dois males que afligem o setor automotivo chinês: excesso de capacidade e de fragmentação produtiva.

Segundo estimativa da maior estatal do setor e sócia da Volkswagen e GM, Shanghai Automotive Industry Corporation (SAIC), a China possui cerca de 120 fabricantes de automóveis e mais de 500 fábricas em funcionamento. Só no segmento de produção de motores há mais de dez fabricantes. Com isso, são oferecidos no país hoje cerca de 150 modelos de automóveis, alguns dos quais fabricados em baixíssima escala e vendidos exclusivamente em regiões do interior do país.

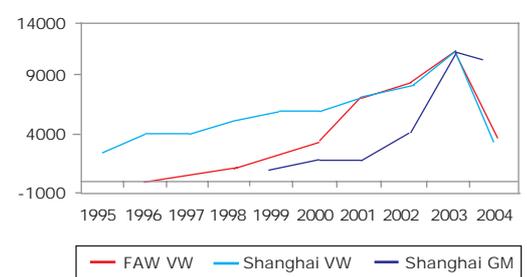
Mesmo os grandes grupos estão sofrendo com o excesso de competição. Desde meados de 2003, os lucros de três importantes *joint-ventures* (Shanghai Automotive-Volkswagen, Shanghai Automotive-GM e First Automotive-Volkswagen) têm declinado (veja gráfico 2). Em entrevista ao *China Daily*, o chefe da Comissão Nacional de Desenvolvimento e Reforma (NDRC, na sigla em inglês), Ma Kai, declarou que o setor automotivo corre o risco de não conseguir ganhar competitividade internacional em função do excesso de capacidade. Ao contrário da siderurgia, outro setor reconhecidamente superaquecido da economia chinesa e também citado freqüentemente pela NDRC, não foi divulgado, até agora, um plano de reestruturação que limite o número de atores ou que implemente medidas administrativas visando ao desaquecimento setorial.

**Gráfico 1 - Veículos produzidos na China (1991-2004)**  
Em milhões de unidades



Fonte: China Economic Quarterly

**Gráfico 2 – Lucro de fabricantes selecionados (1995-2004)**  
Em milhões de yuan



Legenda: FAW VW – First Automotive Volkswagen

**Tabela 4 – Histórico de formação das principais *joint-ventures* na China**

Ano	Parceiros chineses	Investidores estrangeiros	Principais modelos
1985	Shanghai Automotive	Volkswagen	Santana, Polo, Gol
1991	First Automotive	Volkswagen	Audi, Bora, Jetta, Golf
1992	Dongfeng Automotive	PSA	Elysee, Picasso
1993	Chongqing Chang'an	Suzuki	Lingyang, Alto
1994	Nanjing Automotive	Fiat	Palio
1997	Shanghai Automotive	GM	Buick, Excelle, GL8, Cadillac
1998	Guangzhou Automotive	Honda	Accord, Odyssey, Fit Saloon
2001	Chongqing Chang'an	Ford	Fiesta, Mondeo
2002	Beijing Automotive	Hyundai	Sonata, Elantra
2002	Tianjin Automotive/ First Automotive	Toyota	Crolla, Crown
2003	Brilliance Automotive	BMW	BMW

Fonte: Shanghai Automotive Industry Corporation (SAIC)

#### Comércio exterior

### **Exportações brasileiras têm desempenho fraco em setores mais dinâmicos**

O crescimento das exportações brasileiras entre 1993 e 2003 baseou-se, fundamentalmente, nos setores considerados pouco dinâmicos do comércio internacional, ou seja, naqueles em que o aumento das exportações mundiais foi inferior a 5,5% ao ano. Nos setores de maior dinamismo (crescimento superior a 8% ao ano), as exportações brasileiras cresceram apenas 1,4% ao ano.

Essa é a principal conclusão de um estudo preparado pelo economista Fernando Puga, do BNDES, sobre a dinâmica do comércio mundial na década (leia a íntegra). O objetivo é mapear as opções de inserção do Brasil no comércio internacional tendo como pano de fundo os impactos do crescimento da China.

No total, a participação da China nas exportações mundiais passou de 3,2% em 1993 para 8,4% em 2004, enquanto a da América Latina passou de 4,6% para 6,5%. Os países que de fato perderam fatias significativas do comércio internacional foram Estados Unidos e Japão, que viram suas parcelas nas exportações mundiais recuarem em vários pontos percentuais. No caso dos norte-americanos, a fatia encolheu de 16,4% em 1993 para 11,6% em 2004; já a dos japoneses, de 12,7% para 8,0%.

No caso brasileiro, as exportações de produtos agropecuários cresceram 9,7%, mais do que o dobro do ritmo internacional, que foi de 4,5%. Em alimentos e bebidas, as vendas brasileiras aumentaram 7,4%, enquanto as exportações mundiais subiram 5,2%. Ao lado de vestuário, couro e calçados e madeira, esses são os setores classificados como menos dinâmicos no período analisado.

A China, por sua vez, está crescendo nos setores mais dinâmicos, sem, contudo, perder o ritmo de expansão em setores como calçados e têxteis. No caso do complexo de produtos eletrônicos, sua participação passou de 2,3% em 1993 para 13,4%. Levando-se em conta todo o leste asiático, a região detém mais de 60% do mercado mundial.

O trabalho termina com indicações de segmentos em que o Brasil tem bom grau de especialização produtiva e elevada perspectiva de aumento das exportações, como no caso de aços semi-acabados, laminados quentes, compressores, tratores e máquinas para agropecuária, equipamentos para extração mineral e construção, e veículos automotores. Segmentos da indústria química e do complexo eletrônico também manterão o alto grau de dinamismo no comércio internacional, mas a expansão das exportações brasileiras deve, segundo o trabalho, “depender de uma atuação bem focada em determinados nichos de mercado”.

Leia a íntegra do estudo: “A inserção do Brasil no Comércio Mundial: o Efeito China e Potenciais de Especialização das Exportações”  
Fernando Puga – BNDES

## **CNOOC adquire campo de petróleo na Nigéria e governo chinês estabelece aliança para futuras aquisições em parceria com a Índia**

A mesma estatal chinesa que fez a agressiva oferta de US\$ 18,5 bilhões pela petrolífera norte-americana Unocal em julho de 2005 – em seguida suspensa em função das pressões de congressistas nos Estados Unidos – faz agora sua mais importante aquisição no mercado africano. A CNOOC (China National Offshore Oil Corporation) irá pagar US\$ 2,3 bilhões por participação de 45% no campo de petróleo e gás de Akpo, na Nigéria. Os outros sócios são a Petrobras, que detém 16% do projeto, a nigeriana Sapetro (South Atlantic Petroleum) e a francesa Total, que opera o campo. A transação ainda depende de aprovação dos governos nigeriano e chinês.

No final de 2008, quando entrar em operação, o campo produzirá 225 mil barris de petróleo por dia, o equivalente a 9% da produção nigeriana atual. Akpo é um campo marítimo, com reservas de gás e petróleo leve localizadas a 1.400 metros de profundidade. A Nigéria é o maior produtor de petróleo da África e o oitavo exportador mundial, produzindo 2,4 milhões de barris por dia.

Assim como em outras duas aquisições recentes no mercado de petróleo, a proposta de uma estatal chinesa acabou superando a oferta de uma concorrente indiana. Em setembro de 2005, a China National Petroleum Corporation (CNPC), subsidiária da PetroChina, venceu concorrência com a indiana Oil & Natural Gas e adquiriu a EnCana, no Equador, por US\$ 1,4 bilhão. Em agosto, a mesma CNPC vencera nova licitação e pagara US\$ 4,18 bilhões pela PetroKazakhstan, petrolífera canadense que explora campos no Cazaquistão. A compra da PetroKazakhstan foi a maior aquisição já feita por uma empresa chinesa no exterior e representou mais do que o dobro pago pela divisão de PCs da IBM no final de 2004.

**Parceria com a Índia** – A fim de evitar que a concorrência acirrada continue pressionando para cima os preços das novas aquisições, China e Índia assinaram um memorando de entendimento para cooperação em diversas áreas das cadeias de petróleo e gás, incluindo exploração, produção, refino, pesquisa e desenvolvimento, e conservação do meio ambiente. Os dois países comprometeram-se a trocar informações sobre possíveis aquisições com o intuito de buscar convergências e formas de cooperação.

Em entrevista após a assinatura do acordo, o ministro indiano do Petróleo, Mani Shankar Aiyar, afirmou que os dois países chegaram ao consenso de que “a rivalidade desenfreada só aumentará os lucros dos vendedores de ativos, seja qual for o país que vença o lance”. O acordo prevê a criação de um comitê bilateral que monitorará o diálogo para troca de informações não apenas no momento da compra de ativos, mas também em toda a cadeia dos hidrocarbonetos.

A demanda chinesa e indiana por fontes seguras de fornecimento de petróleo é intensa. Em 2004, a China importou 2,46 milhões de barris de petróleo por dia, o que representa 40% de sua demanda. Segundo estimativa da US Energy Information Administration (USEIA), em 2025 as importações chinesas devem chegar a 9,4 milhões de barris diários. Já a Índia é o 6º importador mundial de petróleo, sendo que 70% de seu consumo vêm de fontes externas. A USEIA estima que, em 2025, a demanda indiana saltará para 5,3 milhões de barris diários, dos quais 80% serão importados.

### Integração na Ásia

## **Líderes evitam discutir questões substantivas na primeira cúpula asiática**

O mero fato de Japão e China terem concordado em sentar-se à mesma mesa já fez com a que a primeira reunião de cúpula do leste asiático fosse considerada um avanço. Em 14 de dezembro, em Kuala Lumpur, capital da Malásia, 16 líderes

asiáticos reuniram-se para a 1ª Cúpula do Leste Asiático (EAS – East Asia Summit), a qual, apesar da falta de uma pauta substantiva de discussões, produziu alguns avanços na agenda de integração regional.

A reunião foi organizada em torno do encontro anual da ASEAN (Associação dos Países do Sudeste Asiático), bloco criado em 1967 e composto por Malásia, Indonésia, Filipinas, Cingapura, Tailândia, Brunei, Vietnã, Laos, Mianmar e Camboja. Participaram também China, Japão, Coréia do Sul, Índia, Austrália e Nova Zelândia. A Rússia esteve presente na condição de observadora, e espera aprovação para participar integralmente do próximo encontro. Diferentemente de outros foros, os Estados Unidos não participam, uma vez que os participantes foram enfáticos em relação ao caráter exclusivamente asiático do foro.

Apesar de as reuniões de cúpulas regionais serem tradicionalmente mais um espaço de exercício do diálogo do que propriamente de formatação de propostas, a primeira reunião desse tipo na Ásia foi considerada excessivamente esvaziada. Segundo a revista *The Economist*, a reunião foi quase “teatral e coreografada”. E o resultado não passou de uma série de declarações pouco substantivas, como “promover a paz, a estabilidade e a prosperidade econômica no leste asiático”, e da promessa de cooperação na luta contra a gripe aviária.

O resultado esvaziado não chega a ser uma surpresa para um encontro marcado pela extrema diversidade econômica (do Laos à Austrália), pelos interesses políticos distintos (do Japão à China) e pela falta de tradição na promoção de uma agenda regional. Apesar das dificuldades, a própria realização da cúpula foi considerada um avanço. Após a visita do premiê japonês Junichiro Koizumi ao santuário em homenagem aos mortos na Segunda Guerra, em outubro de 2005, o governo chinês havia declarado que não participaria da cúpula asiática caso os japoneses estivessem presentes. As visitas de Koizumi ao templo (cinco desde que ele assumiu o poder, em 2001) têm sido repetidamente utilizadas pelo governo chinês como um instrumento de promoção do nacionalismo e do sentimento antinipônico. E, mesmo sem retratação de Koizumi, o primeiro-ministro Wen Jiabao não apenas participou da cúpula como fez um discurso amistoso, comprometendo-se a colaborar para o desenvolvimento de outros países asiáticos e a introduzir reformas no sistema cambial chinês que favoreçam seus vizinhos.

Outro avanço da cúpula foi a definição de uma data para a realização da segunda reunião: dezembro de 2006 em Cebu, Filipinas. O objetivo será promover o que especialistas ocidentais chamam de “construção de confiança”, que se caracteriza pela promoção do diálogo com vistas ao aumento da confiança e identificação de interesses conjuntos.

**Outras iniciativas regionais** – Além da EAS, a Ásia conta também com outro foro de promoção do diálogo regional: a APEC (Encontro da Ásia-Pacífico), que inclui os Estados Unidos e países latino-americanos na orla do Pacífico. A APEC tem sofrido um esvaziamento paulatino de sua agenda temática e foi duramente criticada pelos países asiáticos por sua falta de iniciativa durante a crise financeira de 1998.

A falta de um foro exclusivamente asiático que desse conta dos problemas regionais em momentos de crise levou, em 1998, à criação da ASEAN + 3, composta pelos dez membros da ASEAN mais China, Japão e Coréia do Sul. O grupo, que não tem objetivos imediatos para criar um bloco economicamente integrado, nasceu para reverter o imobilismo da APEC em momentos de instabilidade e suprir a pouca expressividade política e econômica da ASEAN.

Na prática, a ASEAN +3 tem avançado na concretização desses dois objetivos. Em maio de 2000, os ministros das finanças dos 13 países-membros promoveram um grande arranjo de moedas para prevenir uma nova crise financeira. A chamada Iniciativa de Chiang Mai estabeleceu os primeiros parâmetros para cooperação em áreas como monitoramento do fluxo de capitais, mecanismos de suporte monetário e reforma financeira. A iniciativa busca não apenas trocar informação sobre fluxo de capitais e monitorar possíveis abalos monetários, mas pretende também estabelecer arranjos financeiros regionais que

complementem os instrumentos multilaterais existentes e evitem abalos sistêmicos como a crise asiática de 1997-98. Foram criados, até agora, procedimentos de troca bilateral no total de US\$ 40 bilhões.

**Área de livre comércio China-ASEAN** – A principal iniciativa asiática para criação de uma área de livre comércio (ALC) no curto prazo é coordenada pela China. Apelidada de ASEAN+1, a iniciativa prevê a eliminação de tarifas até 2010 entre China e os seis membros fundadores da ASEAN (Indonésia, Malásia, Filipinas, Cingapura, Tailândia e Brunei) e até 2015 no caso dos quatro mais recentes (Vietnã, Laos, Mianmar e Camboja). A ALC também prevê a progressiva liberalização do setor de serviços e mecanismos de facilitação do investimento bilateral.

O acordo excluiu produtos sensíveis para o comércio entre ASEAN e China, como ferro, aço, automóveis e açúcar, e não detalha os mecanismos de solução de controvérsias para prevenir o uso de barreiras sanitárias, fitossanitárias, técnicas e outros obstáculos não-tarifários ao comércio. Mas tem obedecido à risca o acelerado plano de redução tarifária.

Desde janeiro de 2006, parte importante dos produtos de origem animal e vegetal como carnes, peixes, animais vivos, plantas, vegetais, frutas e castanhas tiveram suas tarifas de importação zeradas entre os países. A partir de 2007, começa a redução de parte dos produtos manufaturados.



Excepcionalmente nesta edição não será publicada reprodução de artigo da Oxford Analytica.

## Macroeconomia I

**Reservas ultrapassam US\$ 818 bilhões**

As reservas cambiais chinesas cresceram 34,3% em 2005, atingindo US\$ 818,9 bilhões, conforme divulgado pelo Banco do Povo da China. O rápido crescimento é fruto, sobretudo, do superávit comercial recorde do país no mesmo ano (US\$ 102 bilhões). A China passou a ter a segunda maior reserva cambial do mundo, atrás apenas do Japão, que detém US\$ 846,9 bilhões.

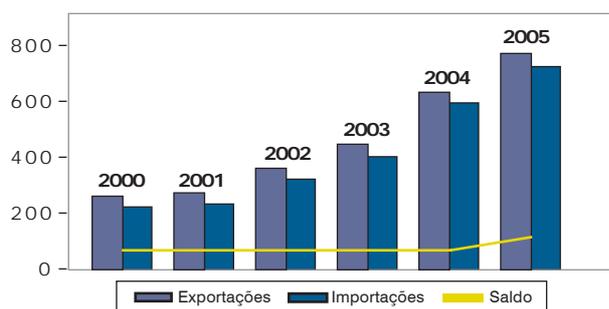
## Macroeconomia II

**Superávit chinês bate novo recorde**

A China registrou superávit comercial de US\$ 101,8 bilhões em 2005, valor três vezes superior ao do ano anterior. As exportações atingiram US\$ 762 bilhões, alta de 28,4%, e as importações ficaram em US\$ 660 bilhões, aumento de 17,6%.

Conforme divulgado pelo último relatório da Administração Geral de Alfândegas, até novembro de 2005 a China acumulou saldos positivos com os principais países desenvolvidos. Com os Estados Unidos, o superávit chinês chegou a US\$ 103 bilhões; com a União Européia, foi de US\$ 64 bilhões. Ambos afirmam que a política cambial chinesa é a principal razão do sucesso comercial e não descartam a adoção de novas barreiras e medidas de defesa comercial.

O comportamento comercial da China com seus vizinhos, no entanto, foi distinto. No mesmo período, o país registrou déficit de US\$ 52 bilhões com Taiwan, US\$ 17 bilhões com o Japão e US\$ 8 bilhões com a Malásia.

**Balança comercial da China de 2000 a 2005**

## Siderurgia I

**Gerdau busca aquisições no mercado chinês**

A Gerdau está negociando sua entrada no mercado chinês. Em entrevista ao *China Daily*, o vice-presidente da empresa, Cláudio Gerdau Johannpeter, informou que está buscando novas oportunidades na China "que poderiam ser aquisições ou a construção de uma nova planta em parceria com uma companhia chinesa". O executivo afirmou ao jornal que iniciou negociação com algumas empresas locais, mas que não há, até agora, um projeto finalizado.

O governo chinês anunciou, em julho, um amplo plano de reestruturação do setor siderúrgico. As empresas ineficientes serão fechadas ou induzidas a fundirem-se com grupos consolidados. Alguns analistas do setor acreditam que a reestruturação poderá abrir oportunidades interessantes de aquisição para investidores estrangeiros que agreguem tecnologia e escala à produção chinesa.

## Siderurgia II

**China anuncia plano de redução da produção de aço e da extração de minério**

A Comissão Nacional de Desenvolvimento e Reforma (NDRC) anunciou um novo plano de ajuste da indústria siderúrgica para evitar os danos causados pelo superaquecimento do setor. A meta do governo é chegar a 2010 produzindo

Brazil steel company eyes  
on China deal  
*China Daily*, 10.01.2006

400 milhões de toneladas de aço por ano. Para isso, o governo definiu que buscará reduzir em cerca de 55 milhões de toneladas a capacidade de produção de aço das siderúrgicas e em 100 milhões de toneladas a capacidade de extração de minério de baixa qualidade entre 2006 e 2010.

Analistas estimam que a siderurgia chinesa tenha produzido 350 milhões de toneladas de aço em 2005. Esse volume, no entanto, deve sofrer novos saltos em breve, já que as diversas usinas de grande porte estão em construção.

No ano passado, o excesso de oferta forçou a adoção de políticas de redução de preços por parte das grandes companhias siderúrgicas do país, incluindo a Baosteel e a Wuhan Iron and Steel. No mesmo ano, as exportações chinesas de aço apresentaram crescimento de 185%, e a China subiu cinco posições no ranking dos países exportadores do produto, passando a ocupar o 3º lugar, atrás de Japão e Rússia.

#### Commodities I

### **China reduz tarifas aduaneiras**

A China iniciou um processo de redução das tarifas de importação de 100 *commodities* em janeiro de 2006, anunciou o Ministério de Finanças (MoF). A medida faz parte do conjunto de medidas para adaptação do país às regras da Organização Mundial do Comércio (OMC), cuja implementação vem ocorrendo desde dezembro de 2001 e, segundo o cronograma acordado, encerra-se no final deste ano.

Serão eliminadas as cotas de importação sobre óleo de soja, óleo de palma e óleo de colza, e as importações de algodão que ultrapassarem a cota serão tarifadas em escala declinante ao longo do ano. Também está programada a redução da tarifa sobre alumina de 8% para 5,5%. Não há previsão para que trigo, milho e cinco outros produtos agrícolas e fertilizantes sejam retirados do sistema antigo de tarifas de importação.

De acordo com o MoF, as tarifas de importação sobre produtos agrícolas serão, em média, de 15,2% e, sobre bens industrializados, de 9%.

#### Commodities II

### **Importação chinesa de soja deve recuar 3% em 2006**

As importações chinesas de soja deverão recuar 3,1% na safra que se encerra em setembro de 2006 por conta do nível elevado dos estoques nacionais. Depois de ter registrado importação recorde do produto em 2005, cerca de 5 milhões de toneladas estão em estoque na China, 2 milhões a mais que no mesmo período do ano anterior. Segundo estimativa de Henry Wang, gerente geral da Bunge International Trading em Xangai, as importações chinesas deverão cair de 25,8 milhões de toneladas na safra de 2005 para 25 milhões de toneladas na de 2006.

#### Petróleo I

### **China e Cazaquistão inauguram oleoduto**

A China National Petroleum Corporation (CNPC) e a KazMunaiGaz, petrolífera do Cazaquistão, inauguraram oleoduto com capacidade de transportar anualmente 140 milhões de barris de petróleo para a China. O projeto possui cerca de mil quilômetros de extensão e inicialmente extrairá petróleo do campo de Kumkol, no centro do Cazaquistão.

O Cazaquistão possui a maior reserva energética do Mar Cáspio e produz aproximadamente 1,3 milhão de barris de petróleo por dia. O presidente do país, Nursultan Nazarbayev, e o vice-presidente chinês, Zeng Qinghong, planejam também a construção de um sistema de transporte de gás natural.

### **Governo reembolsa Sinopec por controle de preços**

A Sinopec recebeu US\$1,17 bilhão do governo chinês como compensação pela distorção causada pela política doméstica de controle de preços do petróleo. Em 2005, apesar da constante alta nos preços internacionais do petróleo, os preços internos dos derivados mantiveram-se 16% abaixo da média internacional. O controle de preços buscava evitar pressão inflacionária e possíveis manifestações populares.

#### Tecnologia da informação I

### **Produtos eletrônicos triplicam superávit comercial chinês**

A China superou os Estados Unidos e tornou-se o maior exportador mundial de aparelhos de TI (tecnologia da informação) em 2004, segundo relatório divulgado pela Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE).

As exportações chinesas ultrapassaram em quase US\$ 30 bilhões o montante norte-americano, totalizando US\$ 180 bilhões em 2004, crescimento de 12% em relação ao ano anterior. Também de acordo com o relatório, os chineses são responsáveis por 26% das importações dos Estados Unidos de aparelhos de TI e são os maiores fornecedores do país, posição anteriormente ocupada pelos japoneses.

O resultado decorre da diversificação acelerada do sistema produtivo chinês. A China tornou-se o principal exportador mundial de computadores, telefones celulares e câmeras digitais. Contudo, o país não superou dependência de microcomponentes importados, acumulando déficit de US\$ 62 bilhões em 2004.

O relatório da OCDE não inclui o setor de serviços relacionados à tecnologia de informação e à produção de softwares, áreas em que a China ainda possui indústria incipiente e enfrenta forte competição dos indianos.

#### Tecnologia da informação II

### **Nokia ampliará produção de celulares na China**

A fábrica de celulares da Nokia em Dongguan passará a operar na capacidade máxima a fim de atender à crescente demanda asiática. Nos nove primeiros meses de 2005, a Nokia, líder do mercado chinês de celulares, registrou alta de 77% nas vendas de aparelhos na China, Hong Kong, Macau e Taiwan, para 23 milhões de unidades. A empresa investiu US\$ 2,2 bilhões no país nos últimos 20 anos e é o maior exportador da indústria chinesa de celulares. Há cerca de 380 milhões de usuários chineses de celulares, e as vendas anuais no país chegam a 100 milhões de aparelhos.

#### Gestão financeira

### **Sinopec é a primeira empresa chinesa a ter ativos em AMC**

A gigante do setor petrolífero Sinopec tornou-se a primeira empresa não-financeira da China a ter seus ativos administrados por uma gestora de recursos (AMC - *Asset Management Company*). As AMCs foram criadas com o propósito de administrar dívidas previdenciárias e ativos não relacionados às atividades das empresas estatais.

A decisão foi divulgada uma semana após a Comissão para Supervisão e Administração do Patrimônio Estatal (SASAC) anunciar a necessidade de reestruturação e aperfeiçoamento da administração dos ativos das estatais. A Sinopec possui mais de US\$ 70 bilhões em ativos distribuídos entre 66 subsidiárias.

Essa não é a primeira vez que o governo chinês faz uso de uma AMC para administrar ativos públicos. No final dos anos 90, AMCs assumiram parte dos créditos irrecuperáveis dos quatro maiores bancos estatais da China, a fim de aliviar pressão sobre o sistema financeiro nacional.

## Aviação

### **Boeing instala centro de manutenção em Xangai**

A Boeing irá instalar um centro de manutenção de aeronaves em Xangai em parceria com empresas chinesas do setor. O investimento, que busca recuperar fatia de mercado perdida para a Airbus, será de US\$ 100 milhões. A Boeing deterá 50% de participação no empreendimento. Em dezembro de 2005, a Airbus fechou a venda de 150 aeronaves para companhias aéreas chinesas.

## Propriedade intelectual

### **Ferrero Rocher e Starbucks vencem batalhas judiciais**

Multinacionais atuantes no mercado chinês que travavam disputas em torno de temas de propriedade intelectual obtiveram vitórias importantes nos dois últimos meses. A fabricante de chocolates Ferrero Rocher ganhou batalha judicial contra a chinesa Montresor e receberá US\$ 87 mil em indenização. A Montresor foi condenada por copiar o principal produto da empresa italiana, o bombom Ferrero Rocher.

Já a Starbucks venceu o processo contra empresa de Xangai que adotava o nome da rede em chinês e oferecia serviços similares. A Shanghai Xingbake Café terá que abandonar o nome Xingbake e indenizará a Starbucks em US\$ 62 mil. Burberry, Gucci, Chanel, LuisVuitton e Prada conseguiram que proprietário de um shopping em Pequim os indenizasse em US\$ 13 mil por conta do comércio ilegal.

Os valores pagos nas indenizações, no entanto, foram considerados muito reduzidos frente aos prejuízos causados às marcas internacionais. Críticos do sistema judicial chinês também dizem que marcas reconhecidas internacionalmente ganham causas muito mais freqüentemente do que marcas menores. E que outros casos graves de cópia, como de modelos inteiros de veículos, ainda não resultaram em vitória para as fabricantes estrangeiras (leia matéria nesta edição sobre o setor automotivo).

## Tensão social

### **Manifestação termina com mortes e policial responsável pela operação é preso**

As manifestações em áreas rurais da China, em especial as que envolvem propriedade de terras, questões tributárias, desemprego e questões ambientais, têm se intensificado nos últimos anos. Apesar de o governo admitir o aumento expressivo no número de protestos, poucos incidentes foram cobertos pela imprensa chinesa e, até recentemente, não havia registro de monitoramento da ação policial.

Em dezembro, no entanto, o comportamento da imprensa e do governo central destoou do habitual. No início daquele mês, moradores de Dongzhou, província de Guangdong, que perderam suas terras em função da construção de uma nova planta hidrelétrica, foram reprimidos pela polícia local. O confronto terminou com a morte de cinco manifestantes, segundo a polícia. Moradores alegam, no entanto, que o número de mortos é de aproximadamente 20, o mais grave incidente desde a repressão aos estudantes na Praça Tiananmen, em 1989.

Imagens do incidente foram divulgadas pela mídia de Hong Kong, o que provocou mais tarde reação do governo chinês e cobertura pela imprensa de Guangdong. O governo emitiu comunicado oficial e anunciou a prisão do policial responsável pela operação. Ele será julgado por um tribunal civil, que avaliará se houve excesso. Segundo o governo chinês, o oficial em comando lidou mal com a situação e causou "mortes indesejadas". Recentemente, o ministro chinês de Segurança Pública, Zhou Yongkang, havia afirmado que o número de protestos no país aumentara de 10 mil, em 1994, para 74 mil em 2004.

### **Carta da China**

A **Carta da China** é publicada mensalmente pela secretaria executiva do Conselho Empresarial Brasil-China. Os artigos publicados não necessariamente refletem a opinião do CEBC nem de seus associados. A escolha de artigos analíticos, de matérias comentadas e de resumos de notícias é de responsabilidade da secretaria executiva do CEBC.

A **Carta da China** é distribuída a associados do Conselho Empresarial Brasil-China e a destinatários recomendados por associados.

### **Editores**

Renato Amorim  
Isabela Nogueira

Estagiárias: Marla Naumann e Zaira Lanna

### **Projeto gráfico**

Casa do Cliente – [www.casadocliente.com.br](http://www.casadocliente.com.br)

### **Atendimento ao leitor**

[cebc@cebc.org.br](mailto:cebc@cebc.org.br)